



## A violência contra as mulheres na bíblia e seus efeitos no imaginário social: uma análise à luz da Teologia Feminista

Violence against women in the bible and its effects on the social imagination: an analysis in light of Feminist Theology

Vanessa Carvalho de Mello Cunha Pereira\*  
Elizabete Sarábia Luquetti\*\*

**Resumo:** A Teologia Feminista ecoa do silêncio que está detrás de um texto, um silêncio problematizador que aponta para o pano de fundo cultural de um imaginário social que precisa ser explorado suspeitosamente quando o assunto permeia as a narrativas bíblicas acerca da violência contra as mulheres. Não há de se pensar em outra problemática condizente com o tema que não seja o impacto nocivo da rasa compreensão dos textos bíblicos no imaginário social coletivo. Considerando o imaginário social como a capacidade que o ser humano tem de perceber o universo de sentido que lhe diz quem ele (a) é, e qual o seu lugar na sociedade em que vive, fica evidente que a personagem da mulher pecadora, ameaçadora e sedutora nas Escrituras Sagradas, sempre ocupa os primeiros lugares no imaginário social, imaginário este representado pelos efeitos de uma herança sexista e patriarcal. Portanto, compreender como se deu a construção da violência contra as mulheres no imaginário social coletivo são alguns dos questionamentos que se pretende responder na presente pesquisa, tendo como referência de reflexão a Teologia Feminista.

**Palavras-chave:** Violência Contra as Mulheres. Imaginário Social. Teologia Feminista.

\* Doutoranda em Teologia na PUC-PR e coordenadora do coletivo Evangélicas Pela Igualdade de Gênero, no Paraná, que atua no âmbito da violência contra a mulher em espaços religiosos. Possui graduação em Teologia com Ênfase em Missão Urbana pela Faculdade Teológica Sul Americana (2005), mestrado em Psicologia Social / Intervenção Social e Comunitária pela Universidade Pública de Málaga (2014), pós-graduação em Saúde Mental pela Universidade Estadual de Londrina e Terapia Comunitária Integrativa pela Universidade Federal do Ceará. Experiência profissional nas seguintes áreas: serviço público de saúde mental, organizações não governamentais e internacionais, docência no ensino superior, atuando em pesquisa principalmente nos seguintes temas: violência contra a mulher, saúde emocional e espiritual, interdisciplinaridade, prevenção e promoção de saúde, qualidade de vida e apoio social, questões de gênero, teologia social e feminista. É responsável pelo Núcleo de Apoio ao Discente da Faculdade Teológica Sul Americana, docente das disciplinas: Ética e Direitos Humanos, Psicologia da Religião, Culto e Liturgia e coordenadora dos projetos de Iniciação Científica: "Teologia Pública da Saúde e suas implicações para a fé cristã", "Violência e o Sagrado: estudos sobre Deus e a violência contra a mulher" e "Práticas teórico-metodológicas de produção historiográfica sobre teólogas brasileiras".

\*\* Teóloga pela Faculdade Teológica Sul Americana. Contato: elizabetesarabia@outlook.com



**Abstract:** Feminist Theology echoes from the silence behind a text, a problematizing silence that points to the cultural background of a social imaginary that needs to be suspiciously explored when the subject permeates biblical narratives about violence against women. There is no need to weigh in on any other issue consistent with the theme other than the harmful impact of the poor understanding of biblical texts on the collective social imagination. Considering the social imaginary as the capacity of the human being to perceive the universe of meaning that tells him / her who he / she is, and what his / her place in the society in which he / she lives, it is evident that the character of the sinful, threatening woman seductive in the Holy Scriptures, always occupies the first places in the social imaginary, this imaginary represented by the effects of a sexist and patriarchal inheritance. Therefore, understanding how the construction of violence against women took place in the collective social imaginary are some of the questions that we intend to answer in this research, taking Feminist Theology as a reference for reflection.

**Keywords:** Violence Against Women. Social Imaginary. Feminist Theology.

## Introdução

Mudanças de paradigmas em relação à violência contra as mulheres marcam o século XXI. Comportamentos que antigamente pareciam inofensivos como encostar-se de modo libidinoso ou esfregar-se propositalmente contra o corpo da mulher que não aceitou ser paquerada agora já configuram como crime, a saber, estatísticas recentes apresentam índices assustadores que, por trás dos números, revelam a história de vida de mulheres, muitas delas cristãs, que foram oprimidas e violentadas. Embora as queixas concernentes aos diversos tipos de violência estejam aparecendo com mais frequências nas delegacias, falar sobre a violência contra as mulheres em um país majoritariamente cristão, ainda é um tabu.

O Atlas da Violência, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), a partir dos registros no Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), traz um alerta importante à população sobre a progressão da violência no Brasil, conforme citado:

Em 2016, o Brasil alcançou a marca histórica de 62.517 homicídios, segundo informações do Ministério da Saúde (MS). Isso equivale a uma taxa de 30,3 mortes para cada 100 mil habitantes, que corresponde a 30 vezes a taxa da Europa. Nos últimos dez anos, 553 mil pessoas perderam suas vidas devido à violência intencional no Brasil.<sup>1</sup>

Estes dados são assustadores, motivo pelo qual já se justifica o interesse em pesquisar temas dessa natureza a partir de uma perspectiva bíblica-teológica, tendo em vista que o Brasil é um país onde a população é majoritariamente cristã, conforme dados levantados pelo Instituto

<sup>1</sup> CERQUEIRA, Daniel et al. **Atlas da Violência 2018**. Rio de Janeiro: IPEA; FBSP, 2018, p. 03. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/180604\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2018.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf)>. Acesso em: 01 maio 2019.

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>2</sup>, onde 64,6% das pessoas entrevistadas se diziam católicas e 22,1% evangélicas.

Compreender como se deu a construção da violência nestes territórios e se a interpretação patriarcal das Escrituras Sagradas em relação à figura da mulher tem a ver ou não com a forma como construiu-se o imaginário social coletivo, são alguns dos questionamentos que se pretende responder com este estudo. Para contestar as questões acima colocadas, a pesquisa apresenta contribuições teóricas e bíblico-teológicas expondo conceitos, características e elementos determinantes para melhor compreensão do tema, tendo como referência de reflexão a Teologia Feminista. A hipótese que se apresenta é que a violência contra as mulheres tem sua origem em uma hermenêutica bíblica patriarcal, que resulta na criação de um imaginário social machista e violento com relação às mulheres, portanto, discorrer sobre os aportes da Teologia Feminista em resposta ao enfrentamento à violência, a partir das contribuições de mulheres teólogas e suas percepções e análises dos efeitos no imaginário social das igrejas, é também uma especificidade desta pesquisa.

### **Um drama pessoal compreendido como um problema político**

A reflexão sobre a violência contra as mulheres na bíblia está marcada pelo grito de Deus manifesto em denúncia contra todo e qualquer tipo de violência contra os seres humanos, ocorrida em cada uma das dimensões e estruturas da sociedade: tradição cultural, filosofia, jurisprudência, religião, antropologia, dentre outras. Este grito ecoa do silêncio que está detrás de um texto, um silêncio problematizador que aponta para o pano de fundo cultural e para um imaginário social que precisa ser explorado criticamente quando se trata de uma narrativa bíblica acerca da violência contra as mulheres.

A religião e a teologia têm uma responsabilidade importante no processo de redefinição do que se entende como violência contra as mulheres na bíblia, pois a necessidade de se compreender que um drama pessoal é também um problema político é fundamental. Interpretar certas narrativas bíblicas como algo circunstancial e não passar a entendê-las como uma questão política, que possui relação direta com as estruturas de poder do sistema social e patriarcal, é um dos maiores problemas ao se discutir essa temática, posto que a interpretação bíblica não deve resumir-se numa questão acadêmico-teológica somente, senão que, deve assumir responsabilidades éticas para o aqui e o agora. Ulrich Luz, comentarista do evangelho de Mateus, ao definir o problema reducionista das interpretações dos textos bíblicos, diz o seguinte:

[...] a história de efeito exclui a possibilidade de separar os textos ou suas interpretações de suas consequências históricas. Nos previne contra o simples

---

<sup>2</sup> IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010.**

literalismo interpretativo e nos ajuda a evitar a separação de meras verdades teológicas das verdades concretas e históricas (tradução nossa)<sup>3</sup>.

A Teologia Feminista relata que a desconfiança em relação às mulheres parece manifesta em muitos textos do Antigo e Novo Testamento. É como se o testemunho feminino precisasse ser testado para ser acreditado ou fosse indigno de credibilidade imediata. Neste caso, fica evidente que o problema da desconfiança tem a ver com a visão patriarcal hierárquica do mundo, já que o protagonismo feminino sempre foi interpretado como transgressor da ordem divina e tentador do homem. Discorrer sobre tal inconveniente e apontar para uma nova hermenêutica é o que a Teologia Feminista Latino-Americana tem feito a partir de grandes pensadoras como Ivone Gebara, que em sua obra *Teologia em Ritmo de Mulher*, afirma o seguinte: “[...] tudo isso justifica a tarefa de reler as Escrituras a partir de um centro hermenêutico igualitário, fundado numa nova antropologia”.<sup>4</sup>

Ao observar as relações que são construídas e mantidas em contexto religioso, é possível dizer que estas possuem uma origem na própria interpretação das Escrituras, ou seja, uma vez que a bíblia se apresenta como Palavra Sagrada de Deus, ela se torna o princípio que justifica o modo como as relações conjugais devem ser mantidas. No entanto, um dos problemas que surge neste mecanismo é que a interpretação feita por muitos, coloca a mulher em uma relação de vulnerabilidade frente à violência. Sendo assim, a bíblia sacraliza as relações de violência contra as mulheres e isso replica na vida da igreja. Portanto, o problema que se impõe é: como é possível romper este mecanismo de violência e ainda manter a sacralidade da Escritura?

Percebe-se que grande parte do problema tem por motivo ou causa concreta a construção de um imaginário social que continua, até os dias de hoje, condicionando o modelo feminino ao valor estético e/ou sexual, onde as mulheres possuem pouca capacidade de decisão e acabam se oferecendo submissas e obedientes aos homens. O sociólogo Pierre Bourdieu em sua obra *A Dominação Masculina*, faz alusão à forma de relação assimétrica que, em sua opinião, “[...] foi o que levou ou melhor, deu lugar à violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento.”<sup>5</sup>

Alguns textos veterotestamentários como o de Juízes 19: 1-30, que atesta em sua narrativa a história de uma mulher que teve o seu próprio corpo crucificado pela violência, serviram durante séculos para legitimar o abuso contra as mulheres no ambiente familiar. Relatos como este descrevem uma problemática que continua se repetindo até hoje em contextos

<sup>3</sup> LUZ, Ulrich. **Matthew in history**: interpretation, influence, and effects. Minneapolis: Fortress Press, 1994, p. 33.

<sup>4</sup> GEBARA, Ivone. **Teologia em ritmo de mulher**. São Paulo: Paulinas, 1994, p. 100.

<sup>5</sup> BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 07.

patriarcais de guerra, onde a casa é o lugar designado para as mulheres, lugar em que elas permanecem a maior parte de suas vidas e são submetidas ao impacto da violência, onde o homem é o “dono do lar” e o único que tem autoridade para decidir.

A partir de uma análise do texto de Juízes 19: 1-30, é possível observar que nos relatos dos versos 1 a 3, a mulher vai da casa do marido para a casa do pai, logo, nos versos 20 a 24 a casa é do forasteiro, e nos versos 29 e 30 a narrativa apresenta a mulher sendo esquartejada na casa do marido, reafirmando sempre a figura masculina como aquele que possui o domínio absoluto do lar. Por conseguinte, atitudes culturais como a insensibilidade, agressividade e o adultério são compreendidas no imaginário social como sendo características masculinas. Em decorrência disso, algumas mulheres que sofrem esse tipo de violência buscam abrigo e consolo em instituições religiosas e, ao buscarem ajuda dos líderes, muitas vezes encontram respostas que, ou as culpabilizam pela violência sofrida ou culpabilizam entidades demoníacas, sem nunca trazerem à tona a responsabilidade masculina pela violência cometida.

A lógica da sacralização da violência acaba se perpetuando como atitude mais coerente e orientativa por parte dos líderes que afirmam, diante de tal realidade, que isso nada mais é que a vontade de Deus. Portanto, esse tipo de ajuda conduz as mulheres a novos problemas, como a perda da identidade e a “aceitação forçada” daquilo que, diante da lei, configuraria como violência doméstica. No entanto, a luta contra qualquer tipo de violência que ocorre com as mulheres dentro da cosmovisão religiosa começa a ser observada e a tomar corpo a partir dos movimentos sociais que denunciam o machismo tão enraizado na sociedade. Ao buscarem nas instituições religiosas o apoio necessário e não encontrarem, algumas mulheres em situação de violência e desigualdade social descobrem nos movimentos sociais e coletivos cristãos feministas uma possibilidade de ampliarem suas percepções acerca da lógica da sacralização da violência que se baseia em uma hermenêutica corrompida e digna de revisão. Portanto, descrever tal problemática não se resume apenas em um profundo exercício interpretativo a partir da vida maltratada da mulher, senão que, em um árduo processo de revisão de valores no imaginário social coletivo.

### **As representações imaginárias e o problema das violências**

As representações imaginárias desempenham duas funções muito importantes na sociedade. A primeira refere-se à capacidade de criar uma ordem social. Essa função se realiza quando propõe aos indivíduos sociais um modo de pensar que serve como uma chave identitária que, por sua vez, gera uma cosmovisão compartilhada que é constituída de imagens e crenças coletivas. A segunda função diz respeito à capacidade que a representação imaginária possui de questionar a ordem social. As representações imaginárias podem servir como um motor de transformação, uma vez que elas possuem o poder de criticar as práticas estabelecidas, criando alternativas simbólicas.



Cornelius Castoriadis desenvolveu o conceito de imaginário social que, por sua vez, refere-se ao:

[...] conjunto de figuras, formas e imagens que constroem aquilo que de modo espontânea denominamos o sentido comum ou a racionalidade que prevalece em determinado momento histórico. O autor considera que o ser humano tem a capacidade de imaginar um universo de significados que diz quem você é e qual o seu lugar na sociedade em que vive. O autor utiliza o verbo imaginar porque, em sua opinião trata-se de uma criação individual do sujeito que interatua com este outro coletivo, pessoal e anônimo que é a sociedade (tradução nossa).<sup>6</sup>

O conceito de imaginário social proposto por Castoriadis possibilita aos indivíduos compreenderem como eles mantêm suas relações interpessoais e como podem libertar-se das formas violentas ou abusivas de convivência. Logo, a obra *Sociologia do Imaginário*, traduzida por Eduardo Portanova Barros, faz referência ao conceito de imaginário social proposto por Le Goff, ressaltando que o imaginário é o alimento que impulsiona o ser humano em suas ações, sejam elas positivas ou negativas. Assim, o imaginário:

[...] diz respeito a uma civilização: circula através da história, das culturas e dos grupos sócias. Nós poderíamos dizer, parafraseando o historiador (1985, p. VII), que o imaginário alimenta e faz o *ser humano* agir. É um fenômeno coletivo, social, histórico. Uma sociologia sem o imaginário é uma sociologia mutilada, desencarnada (grifos nossos).<sup>7</sup>

O pensamento de Le Goff parte da ideia que a vida dos seres humanos é submetida a impulsos imaginários. Sendo assim, o conceito de imaginário social diz respeito à dimensão da representação da vida cotidiana, o imaginário é um ponto de vista sobre o social, compreendido em todas as dimensões das atividades humanas, ou seja, a vida em sociedade é sempre submetida aos impulsos imaginários, às imagens que estão encarnadas no plano pictórico, na representação da aparência visual do sujeito, mas também no plano ilusório nas construções mentais coletivas e individuais. O imaginário, portanto, é a circulação de ideias que podem ser observadas na história e na cultura de um povo, ou seja, o imaginário é aquilo que faz o ser humano agir de forma a reproduzir ou não algum tipo de violência construída mentalmente de forma comunitária e/ou singular. Tanto Le Goff como Castoriadis alinham o conceito de imaginário social como modelos de interpretação da realidade que estão consensuados e estabelecem as formas de pensamentos, desejos e valores que são considerados apropriados socialmente, sendo estes os que determinam e regulam as ações individuais e coletivas, apontando para o caminho que se deve percorrer e para as supostas soluções da vida cotidiana, além das consequências negativas que se pode esperar em resposta à determinada ação.

<sup>6</sup> CASTORIADIS, 1975 apud COLOMBO, Adelaide Baracco (Ed). **Caín, ¿dónde está tu hermana?** Dios y la violencia contra las mujeres. Madrid: Verbo Divino, 2017, p. 49.

<sup>7</sup> MONNEYRON, Frédéric et al. **Sociologia do imaginário**. Tradução de Eduardo Portanova Barros. Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 10.

## O imaginário social e as narrativas bíblicas acerca das violências

Para se pensar a posição social da mulher na bíblia e como essa violência é transmitida e naturalizada em um imaginário social que constantemente submete a mulher a uma condição deplorável de opressão, é necessária uma aproximação das narrativas de violência, a começar pelos textos veterotestamentários. Dentre todas as narrativas bíblicas apresentadas no Antigo Testamento, o capítulo 19 do livro de Juízes é sem dúvida o lugar onde encontra-se a história mais escabrosa de violência. A narrativa exemplifica bem a relação de subalternidade em que a mulher está situada em relação ao homem. A passagem retrata um pai entregando sua filha e a concubina do levita para serem violentadas por vários homens, no intuito de proteger o levita de ser abusado sexualmente pelos homens da cidade que, após saber de sua presença, o procuravam, conforme se observa nos versos 22 a 30:

Quando estavam entretidos, alguns vadios da cidade cercaram a casa. Esmurrando a porta, gritaram para o homem idoso, dono da casa: Traga para fora o homem que entrou na sua casa para que tenhamos relações com ele! O dono da casa saiu e lhes disse: Não sejam tão perversos, meus amigos. Já que esse homem é meu hóspede, não cometam essa loucura. Vejam, aqui está minha filha virgem e a concubina do meu hóspede. Eu as trarei para vocês, e vocês poderão usá-las e fazer com elas o que quiserem. Mas, nada façam com esse homem, não cometam tal loucura! Mas os homens não quiseram ouvi-lo. Então o levita mandou a sua concubina para fora, e eles a violentaram e abusaram dela a noite toda. Ao alvorecer a deixaram. Ao romper do dia a mulher voltou para a casa onde o seu senhor estava hospedado, caiu junto à porta e ali ficou até o dia clarear. Quando o seu senhor se levantou de manhã, abriu a porta da casa e saiu para prosseguir viagem, lá estava a sua concubina, caída à entrada da casa, com as mãos na soleira da porta. Ele lhe disse: Levante-se, vamos! Não houve resposta. Então o homem a pôs em seu jumento e foi para casa. Quando chegou em casa, apanhou uma faca e cortou o corpo da sua concubina em doze partes, e as enviou a todas as regiões de Israel. Todos os que viram isso disseram: Nunca se viu nem se fez uma coisa dessas desde o dia em que os israelitas saíram do Egito. Pensem! Reflitam! Digam o que se deve fazer!<sup>8</sup>

A narrativa é bastante explícita ao mostrar que a mulher tem menos valor do que o homem e que ela pode ser usada e ter sua vida retirada, se assim o homem o quiser, a fim de proteger a sua vida. A mulher não possui nenhuma condição de lutar contra a violência, ela é retratada como mera propriedade do homem, sendo absolutamente desprovida de qualquer valor intrínseco, ou seja, a mulher tem tão pouco valor que, o homem entregá-la para ser estuprada configura como uma atitude natural. Embora a violência física explícita no texto seja truculenta, é perceptível também a brutalidade da violência simbólica. O silêncio da mulher e sua objetificação são evidentes, conforme afirma Lídia Rodríguez Fernández:

É um relato brutal que joga de forma magistral com os silêncios narrativos e que inclui todas as formas imagináveis de violência: física, sexual, religiosa, ritual,

<sup>8</sup> BARKER, Kenneth (Ed.). **Bíblia de Estudo NVI**. Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2003, p. 230.



simbólica. [...] a própria narrativa exerce a violência simbólica, já que fala de uma mulher anônima mencionada somente em relação ao seu marido, a ‘concubina de’. A violência se agrava neste relato, já que na hora nem sequer escutamos sua voz [...] principais ou secundárias, as esposas são propriedade do marido – ver Ex 20:17, onde a mulher forma parte da lista de propriedade do homem (tradução nossa).<sup>9</sup>

A rudeza do ser humano, observada em Juízes 19: 22-30, se apresenta aliançada a padrões morais legitimados, conforme citado no livro *Juízes e Rute: introdução e comentário*:

[...] se um ser humano algumas vez sofreu uma noite de pavor inenarrável, foi a concubina daquele levita, naquela noite, que lhe deve ter parecido interminável como a eternidade, e tão escura como o próprio abismo satânico. Não foi somente a ação dos homens de Gibeá que revela a profundidade abismal dos péssimos padrões morais da época. A indiferença do levita, que se preparou para partir, de manhã, aparentemente sem qualquer interesse em investigar o destino da sua concubina, e sua ordem rude, insensível, a ela, quando a viu jazendo à porta [...] o incidente chocante produziu uma impressão indelével sobre Israel, sendo mencionado pelo profeta Oséias como um dos maiores exemplos de corrupção (Os 9:9; 10:9).<sup>10</sup>

Outra narrativa que merece a pena ser observada é a do livro do profeta Jeremias, no capítulo 13: 22-27, onde a metáfora cujo conteúdo é uma exortação à Jerusalém, relaciona a imagem de uma mulher ao sofrimento por consequência do pecado, conforme se observa:

E, se você se perguntar: ‘Por que aconteceu isso comigo?’, saiba que foi por causa dos seus muitos pecados que as suas vestes foram levantadas e você foi violentada. Será que o etíope pode mudar a sua pele? Ou o leopardo as suas pintas? Assim também vocês são incapazes de fazer o bem, vocês, que estão acostumados a praticar o mal. ‘Espalharei vocês como a palha levada pelo vento do deserto. Esta é a sua parte, a porção que determinei para você’, declara o SENHOR, ‘porque você se esqueceu de mim e confiou em deuses falsos. Eu mesmo levantarei as suas vestes até o seu rosto para que as suas vergonhas sejam expostas. Tenho visto os seus atos repugnantes, os seus adultérios, os seus relinchos, a sua prostituição desavergonhada sobre as colinas e nos campos. Ai de você, Jerusalém! Até quando você continuará impura?’.<sup>11</sup>

O destaque é para a metáfora que usa a imagem de uma mulher e não de um homem para se referir ao pecado de uma cidade. Portanto, pode-se dizer que o imaginário contido em tal metáfora aponta para o fato de que o pecado de uma mulher é a justificativa para explicar o sofrimento, ou seja, quando o profeta procura uma imagem para relatar um sofrimento que se justifica pelo pecado cometido, ele se utiliza da imagem de uma mulher, expondo um imaginário social que considera o adultério da mulher como algo que merece ser recompensado com as piores formas de violência. Sendo assim, uma vez mais o imaginário profético retrata a imagem que a mulher ocupa no imaginário social da época. Jeremias, ao buscar uma imagem que representasse a deplorável situação moral dos moradores da cidade, se utiliza da figura de uma

<sup>9</sup> COLOMBO, 2017, p. 63-64.

<sup>10</sup> CUNDALL, Artur E., MORRIS, Leon. **Juízes e Rute: introdução e comentário**. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida Nova, 1986, p. 188-189.

<sup>11</sup> BARKER, 2003, p. 709.



mulher catalogada como uma prostituta e comparada a um animal no cio, devido ao seu desejo sexual.

Outros textos no Antigo Testamento apresentam imagens de mulheres que foram expostas impudicamente aos olhos dos homens, violadas e assassinadas (Jr 13: 22-26; Ez 23,40), a exemplo de Isaías 47: 1-3 onde, segundo o comentário bíblico *O Novo Comentário da Bíblia*, organizado por Davidson<sup>12</sup>, no texto sobre a futura queda da Babilônia, a cidade é comparada a uma mulher que, depois de um tempo vivendo em bonança, é abandonada em situação de pobreza e miséria.

Há de se destacar também que o livro do Antigo Testamento destinado aos sacerdotes, o livro de Levítico, onde a questão das leis, rituais e festas são apresentadas, nos capítulos 11 ao 15, o tema central é a lei de pureza, retratando desde a impureza de certos animais, a impureza por ações, situações ou contatos. Levítico descreve sobre como recuperar o estado de pureza que fora perdido e, em se tratando da violência contra as mulheres, de modo bastante explícito, o livro faz alusão ao corpo da mulher, considerando-o impuro por ser mulher, mãe, esposa e filha, como se observa no capítulo 12, dos versos de 1 a 5:

Disse o Senhor a Moisés: Diga aos israelitas: quando uma mulher engravidar e der à luz um menino, estará impura por sete dias, assim como está impura durante o seu período menstrual. No oitavo dia o menino terá que ser circuncidado. Então a mulher aguardará trinta e três dias para ser purificada do seu sangramento. Não poderá tocar em nenhuma coisa sagrada e não poderá ir ao santuário, até que se completem os dias da sua purificação. Se der à luz uma menina, estará impura por duas semanas, como durante o seu período menstrual. Nesse caso aguardará sessenta e seis dias para ser purificada do seu sangramento.<sup>13</sup>

No capítulo 12 de Levítico a mulher era catalogada como impura ao dar à luz e, se desse à luz a um menino, ficaria impura durante quarenta dias, porém, se desse à luz a uma menina, ficaria impura por 80 dias. Tornava-se impura por ser esposa, pois a relação sexual também a fazia impura por um dia. Se ela menstruasse, também era considerada impura e tudo o que ela tocasse também ficaria impuro. Portanto, nestes aspectos da lei da pureza, o que se nota é que a mulher era considerada duplamente impura quando gerava outra mulher.

Davidson<sup>14</sup> ressalta que a longa purificação exigida às mães depois de terem cumprido a alta função da maternidade, deve encontrar-se na queda do Paraíso e na maldição proferida contra a mulher após esse nefasto acontecimento, sendo esta a relação entre a impureza da mulher e o longo processo de purificação. Neste sentido, ao analisar as passagens que apontam para a mulher em um lugar de marginalização, pode-se afirmar, sem dúvida, que a Bíblia reflete um imaginário que, por um lado, compreende a mulher como um ser inferior ao homem e, por

<sup>12</sup> DAVIDSON, Francis. **O novo comentário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 726.

<sup>13</sup> BARKER, 2003, p. 103.

<sup>14</sup> DAVIDSON, 1997, p. 726.

outro lado, compreende o pecado de uma mulher como sendo mais grave do que o pecado de um homem, pois a mulher adúltera é usada como símbolo do que há de mais vil.

Quando o assunto é a violência contra as mulheres no Novo Testamento, o texto que de antemão salta à memória é a narrativa de João 8: 3-6a, onde os fariseus e escribas trazem até Jesus uma mulher supostamente pega em adultério. Aqui a violência ecoa em suas diversas facetas: psicológica, moral e física. A mulher serviu de objeto para implementar uma armação à Jesus, foi usada, objetificada, pois o fato não era real, não havia adultério, a narrativa em nenhum momento apresenta testemunhas do suposto ato. Alzira Machado comenta sobre o texto:

[...] na lei de Moisés (cf. Dt 17:2-7), para que haja a lapidação, são necessárias duas testemunhas que tenham surpreendido as pessoas adúlteras em flagrante. É necessária também uma investigação profunda que comprove a veracidade da acusação. Quando se condena à morte por lapidação, a responsabilidade do resultado do julgamento recai sobre as testemunhas, que serão as primeiras a atirar pedras. A partir disso, entendemos por que todos foram embora. Ninguém testemunhou o adultério. O texto fornece poucas informações. Refere-se a uma mulher sem nome, como tantas vezes acontece na bíblia. Diz que ela foi pega em adultério. E diz também que era madrugada. Somente essas informações.<sup>15</sup>

Percebe-se que a violência contra as mulheres ocorre deliberadamente, além de exposta a uma mentira ela é acusada e caluniada injustamente, tendo em vista que, diante dos parâmetros legais, ela estava respaldada.

As narrativas bíblicas do Novo Testamento apresentam o mal e o pecado das mulheres centrados muitas vezes na tentação e na desobediência. Embora Jesus se relacionasse bem com as mulheres, é sabido que durante as três primeiras gerações de cristãos houve uma tensão em torno da presença da mulher e da sua constante reivindicação em viver do modo como os evangelhos de Jesus propõem. Assim:

[...] esta tensão se resolveu com os códigos doméstico e uma reestruturação das comunidades segundo a qual as mulheres deveriam ser submissas aos varões da comunidade (Ef 5: 22-23). Com isso, o potencial de muitas mulheres que lutavam contra sua condição de pecadoras desde a experiência libertadora de Cristo, se redigiria a um papel novamente secundário e silencioso [...] (tradução nossa).<sup>16</sup>

Através de Sua relação com mulheres, Jesus explorou corajosa e incisivamente um dos grandes problemas da cultura patriarcal: a síndrome da superioridade masculina, portanto, a luta atual para que as mulheres sejam tratadas como seres humanos com direito à vida, à liberdade e ao envolvimento nas áreas culturais e políticas, foi também, a luta de Jesus, que lutou e tem lutado até hoje, através de nós, para que as mulheres sejam vistas e tenham seu lugar de fala e atuação respeitado. O que se vê em Jesus é um comprometimento em tratar as mulheres com a

<sup>15</sup> MACHADO, Alzira. **Basta de violência contra as mulheres**. São Leopoldo: CEBI, 2016, p. 37.

<sup>16</sup> COLOMBO, 2017, p. 142.

mais absoluta igualdade frente aos homens, em seu comportamento não há lugar para a violência. Sua atitude diz para as mulheres que o lugar onde elas devem estar na sociedade não está condicionado à vontade soberana dos homens, e que elas que são livres para ocupar os lugares do mesmo modo que eles ocupam, em total liberdade. O relacionamento de Cristo com as mulheres não dava lugar à violência, era uma relação baseada no respeito que se deve ter com qualquer ser humano. Ele as tratou sem preconceito e sem manter nenhum controle ou domínio sobre elas, contrariando a muitos, recobrou em cada uma delas a dignidade mostrando, assim, a força da mulher que resistiu e ainda resiste a tanta injustiça e crueldade.

### **A teologia feminista enquanto experiência denunciante do imaginário social**

Atualmente a violência contra as mulheres tem sido analisada e observada em diferentes situações da vida social. Um olhar sobre como essa violência se apresenta e se justifica nas relações sociais, que se dão no interior do cotidiano religioso cristão, vem para revelar alguns aspectos bastante importantes, pois a violência nesse contexto aparece tão arraigada que se torna um desafio, até para as mulheres cristãs, em conseguir detectar e dessacralizar a violência que por séculos tem sido legitimada.

Em relação a esse desafio, podem-se destacar duas teólogas que, por meio de suas análises e reflexões, buscam desmascarar a violência histórica sofrida pelas mulheres, a saber: a teóloga Adelaide Barraco Colombo e a teóloga latino-americana Ivone Gebara. Ambas observam que a violência no contexto da fé, extrapola a instituição religiosa e se concretiza na vida social cotidiana.

Colombo descreve sobre como a violência encontrada na religião cristã afeta e atinge a sociedade como um todo; por outro, a teóloga Ivone Gebara mostra como a igreja resiste às mudanças em relação ao lugar da mulher na vida religiosa e também denuncia o modo em que as comunidades de fé reforçam símbolos que mantêm a mulher em uma condição de submissão. Em seu livro *Cain, ¿Donde Está tu Hermana? Dios y la Violencia Contra las Mujeres*, a autora apresenta, no capítulo 5, um retrato da condição em que as mulheres se encontram no que diz respeito a sua relação com os homens, onde destaca com muita veemência que as estruturas de poder econômica e política geram uma certa ordem social, onde as mulheres são o objeto da violência estrutural. Essa estrutura social é o que coloca a mulher sempre em uma condição de inferioridade. As mulheres crescem vivendo governadas pelo sentimento de insatisfação, de culpa e de medo. Colombo salienta que a mulher, primeiro cresce sentindo e acreditando que nunca é suficientemente bonita, magra, inteligente, amável etc. Ou seja, a mulher aprende desde cedo que nunca é ou será boa o suficiente para competir com um homem<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> COLOMBO, 2017.



Em segundo lugar, a autora afirma que a mulher cresce com o sentimento de culpa devido ao fato de que acredita que o que ela é ou faz sempre é incompleto. A ideia da culpa advém da concepção de que suas ações nunca são boas o suficiente. A mulher também sofre com o medo; o medo que a mulher possui é de ser má e, por acreditar que é incompleta, passa a sofrer com o medo de não conseguir cumprir com suas responsabilidades. Colombo afirma que a mulher é submetida e sofre violência constantemente devido a uma estrutura social que é formada a partir do imaginário social construído por homens.

Ivone Gebara, por sua vez, destacando o capítulo três de seu livro *Mulheres, Religião e Poder: Ensaios Feministas*, fala abertamente sobre o que acontece no interior da instituição chamada igreja. Segundo a teóloga, a igreja luta contra as mulheres que buscam por uma mudança no modo como, historicamente, elas foram submetidas à exclusão política e social. Para a autora, a igreja e a teologia manifestam uma visão masculina da vida religiosa. Gebara afirma que:

[...] basta percorrermos a história oficial atual da igreja e da teologia para tomarmos consciência de que a igreja institucional, longe de romper padrões de comportamento excludentes, confirmou-os a partir do seu poder. Talvez ela tenha modernizado sua linguagem, aberto algumas veredas em alguns lugares do mundo, mas a estrutura de sustentação não parece ter mudado muito. A palavra da igreja e a teologia da igreja continuam sendo palavras masculinas.<sup>18</sup>

Gebara afirma que a dominação masculina existente na igreja parte da convicção de ideias e afirmativas que naturalizam uma crença em uma superioridade masculina, e que tal ação é a consequência de uma luta pelo poder. Ou seja, a igreja busca a todo custo manter o poder e controle sobre o corpo e mente da mulher, e isso se manifesta nos ideários defendidos pelos homens que fazem a teologia da igreja. Gebara ressalta que desde a antiguidade a mulher vem sofrendo com a violência. Tal situação se encontra de modo muito explícito em um clero machista que submete a mulher a padrões que ainda são os mesmos de tempos antigos, onde a mulher era considerada inferior ao homem. A mulher, no interior da igreja de hoje, ainda sofre o peso de uma igreja que, embora tenha modernizado a sua linguagem, em muitos aspectos, mantém uma estrutura patriarcal.

A igreja se percebe como a responsável mantenedora de uma ordem divina, portanto, ceder às mudanças significa falhar naquilo que Deus lhe reservou como destino. O problema é que essa ideia corrobora para uma situação em que a mulher é afirmada e reafirmada como uma criatura que sempre está em segundo plano. Portanto, a igreja segue em sua estrutura machista porque em seu interior continua arraigada a ideia de que Deus quer que a igreja continue mantendo tal ordem divina das coisas. Neste sentido, Gebara assegura que a condição de

<sup>18</sup> GEBARA, Ivone. **Mulheres, religião e poder: ensaios feministas**. São Paulo: Edições Terceira Via, 2017, p. 115.

inferioridade da mulher na igreja cristã advém do fato de ser mulher simplesmente. A questão é que a mulher foi vista pela igreja, desde sua origem, como uma ameaça aos homens de vocação religiosa. Tal vocação os afastavam da mulher e, ao longo do tempo, os faziam acreditar que eram superiores. Assim, a mulher é compreendida no interior do pensamento clerical como um empecilho à vocação masculina. O que significa que a mulher é uma ameaça à própria estrutura de poder da igreja.

Colombo compreende que a violência contra as mulheres se observa no próprio processo de formação, ela é educada a tratar o homem sempre como superior a si mesma, é orientada a obedecê-lo e não o confrontar, pois, se assim o fizer, corre o risco de sofrer a dor da violência. A autora ressalta que as mulheres crescem às margens dos homens e que estão sempre correndo atrás de um ideal feminino que advém de desejos e aspirações masculinas e percebe tal violência em termos mais subjetivos, ou seja, a mulher cresce e se desenvolve dentro de expectativas que a fazem se sentir sempre aquém dos homens, por outro lado, Gebara pensa a violência contra as mulheres como um processo que tem sua origem em um ideal que estrutura e sustenta o poder da igreja e suas lideranças, conforme cita:

[...] algumas autoridades estão convencidas de que os esforços pelos direitos igualitários das mulheres nada mais são do que moda passageira e que a verdadeira ordem querida por Deus é a mesma através dos séculos. Muitos foram os conflitos e até reverses ao longo de sua história milenar, mas a igreja continua a ser o corpo de Cristo, corpo masculino que é sustentado por uma hierarquia masculina que pretende ser responsável por manter sua integridade até o final dos tempos.<sup>19</sup>

Por fim, percebe-se que a ênfase de Gebara ao denunciar a violência contra as mulheres a partir da luta de poder que ocorre no seio da igreja, tem como pano de fundo o empirismo que brota de uma epistemologia fruto de suas vivências, haja vista que desde seus vinte e dois anos de idade, quando ingressou na Congregação das Irmãs de Nossa Senhora – Cônegas de Santo Agostinho, até os dias de hoje, Gebara vem lutando e denunciando incessantemente as violências praticadas contra as mulheres. Em 1995, a teóloga foi processada e condenada pelo Vaticano por fazer críticas à doutrina moral da igreja.

### **Considerações finais**

Constatou-se que a violência ocorrida contra as mulheres no contexto religioso deriva-se de uma determinada interpretação bíblica que necessita ser superada e reformulada partir da Teologia Feminista e que, para diminuir o abismo existente entre o pensar e o agir através da Teologia Feminista é necessário realizar um novo modo de interpretar e pensar a teologia, viabilizando um novo caminho para a experiência religiosa.

---

<sup>19</sup> GEBARA, 2017, p. 116.





A Teologia Feminista propôs um caminho de pensamento que não estava restrito à reflexão sobre um Deus distante, uma teologia que impulsionasse a construção de um pensamento que falasse ao coração de todas as mulheres e que fosse relevante para suas vidas cotidianas. O caminho que a Teologia Feminista trilhou foi o da denúncia da condição subalternizada a que foram as mulheres submetidas, dando a conhecer a luta diária e a busca por libertação das opressões que estas sofreram e ainda sofrem diuturnamente.

Para as teólogas, outros deslocamentos epistemológicos se fizeram necessários para revelar a invisibilização e marginalização das mulheres nas igrejas. A perspectiva de gênero se constituiu num instrumental feminista que revelou não apenas as estruturas sexistas das instituições contemporâneas como também mostrou como as tradições religiosas cristãs teriam sido formadas no bojo do patriarcado romano, marginalizando as mulheres dos espaços de poder nas igrejas, impedindo-as de receber a ordenação sacerdotal, assim como quaisquer cargos significativos na hierarquia eclesial.

Através da Teologia Feminista fica evidente que as mulheres teólogas já estão produzindo uma teologia supra confessional há várias décadas, uma teologia que questiona a que foi tradicionalmente imposta a partir da ideia da masculinidade de Deus, subjacente aos ensinamentos doutrinários sobre a filiação divina que representa Jesus apenas como um varão e não como a representação da humanidade de Deus. Uma teologia que questiona o conceito de masculinidade presente nas três pessoas da Trindade Divina, que não permite que utilizemos sem ressalvas a expressão feminina *Ruah* (vento – Espírito Santo) para fazer referência ao Espírito de Deus.

A Teologia Feminista se apresenta como uma proposta acolhedora às mulheres que se sentem distanciadas de suas comunidades de fé frente ao sexismo e autoritarismo dentro das igrejas, mulheres estas que já não se sentem mais atraídas para os cultos tradicionais, onde um homem ocupa a presidência e fala sozinho, sem direito a comentários ou contestações por parte da assembleia, onde se debatem temas metafísicos, onde as mulheres se percebem deslocadas, pois a fala, um monólogo, gira em torno de questões abstratas, de um Deus longínquo e inatingível, demasiado poderoso para que possa habitar em corpo de mulher. A Teologia Feminista resgata a tradição cristã a partir de outra chave hermenêutica, pois propõe uma leitura da tradição cristã a partir da experiência feminina em sua mais vasta multiplicidade, conforme cita Ivone Gebara em entrevista para o grupo de pesquisa da Faculdade Teológica Sul Americana:

[...] Eu acho que já existem alguns sinais de um resgate da tradição cristã, que a partir de outra chave de leitura, como a chave feminista, a chave ecológica. Essas chaves já perceberam que há muitos valores na tradição cristãs que poderiam ser afirmadas de uma outra maneira [...] que a crítica que a teologia feminista faz as teologias cristãs – Você faz uma imagem de Deus que é, na realidade a imagem de um rei, do imperador, ou do governador ou presidente ou da autoridade

masculina, de tal forma que, quando você pergunta – e eu fiz isso muitas vezes com grupos populares: Deus é homem ou mulher? [...] Imediatamente, a resposta é: ‘é homem!’<sup>20</sup>

Várias conclusões se chegam com este estudo, a principal delas é que hoje o enfoque teológico sobre a experiência das mulheres não está centrado na experiência de um grupo único de mulheres, mas é baseado num olhar pluralista, multiétnico e multicultural, que aponta para um pano de fundo cultural diverso e para um imaginário social que deve ser explorado suspeitosamente quando o assunto é uma narrativa bíblica acerca da violência contra as mulheres.

O pós-modernismo tem colocado o pluralismo como um desafio para a epistemologia. Em toda parte, escritoras, pesquisadoras e teólogas feministas estão descobrindo e revelando a pluralidade de experiências das mulheres, assim como suas múltiplas ramificações e interconexões. Mulheres negras, brancas, ricas, pobres, todas partilham de uma alienação fundamental de si mesma, pois há muitas diferenças entre suas experiências, porém, embora as vivências sejam diversificadas, não resta dúvida que, em se tratando de violência contra as mulheres, os dramas sociais são os mesmos, decorrentes de um cenário ainda patriarcal e machista em seus efeitos.

A diversidade dos métodos utilizados para revelar essa multiplicidade de experiências denunciando os imaginários sociais machistas e patriarcais, que há anos acompanham o território feminino, fala dos diferentes caminhos trilhados por cada grupo específico na busca de uma epistemologia própria. Vozes de mulheres das igrejas estão surgindo dos países subdesenvolvidos, denunciando sobretudo a negação das diferenças e privilégios entre homens e mulheres que ocorre no seio da igreja.

É muito importante evidenciar que o fenômeno da violência não deve ser tratado dentro dos contextos religiosos com uma argumentação exclusivamente conceitual, impalpável, pois possui raízes e induzimentos práticos no cotidiano que já vem de um imaginário social presente no meio eclesial, assim como na apresentação da combinação de controle em geral, principalmente quando se trata de quem toma a decisão. Neste sentido, deve-se aproximar o que se fala do que se faz, pois o abismo existente entre o pensar e o agir só será diminuído quando a sociedade e a igreja começarem a ter novas atitudes em relação aos direitos das mulheres, iniciando por quebrar tabus ainda existentes no imaginário social que se vêm tão presentes. Esse abismo ainda é tão real no dia a dia das vidas das mulheres que, conforme afirma Gebara:

[...] baixarem a guarda em relação aos avanços das conquistas das mulheres, sob o pretexto de que elas já dispõem de muitos espaços (no parlamento, no

<sup>20</sup> GEBARA, Ivone. **Entrevista concedida em setembro de 2018 para a FTSA**. Gravada e transcrita para uso de pesquisa.

executivo, etc.), de sorte que se tem que trabalhar com outras prioridades, é um equívoco! As conquistas logradas até aqui estão bem longe de fazerem justiça à condição feminina, nos deferentes espaços públicos. A hora é de seguir avançando bem mais e mais em distintas esferas da realidade!<sup>21</sup>

Finalmente, entende-se que este avanço só acontecerá se homens e mulheres, unidos numa mesma irmandade, se disponibilizarem a discutir, perceber e denunciar as conexões entre o imaginário social e a hegemonia masculina, a fim de romper de uma vez por todas com a memória afetivo-social de uma cultura cristã patriarcal vigente nas comunidades de fé.

## Referências

- BARKER, Kenneth (Ed.). **Bíblia de Estudo NVI**. Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- CERQUEIRA, Daniel et al. **Atlas da Violência 2018**. Rio de Janeiro: IPEA; FBSP, 2018.  
Disponível em:  
<[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/180604\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2018.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf)>. Acesso em: 01 maio 2019.
- COLOMBO, Adelaide Baracco (Ed). **Caín, ¿dónde está tu hermana?** Dios y la violencia contra las mujeres. Madrid: Verbo Divino, 2017.
- CUNDALL, Artur E., MORRIS, Leon. **Juízes e Rute**: introdução e comentário. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida Nova, 1986.
- DAVIDSON, Francis. **O novo comentário da bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- GEBARA, Ivone. **Teologia em ritmo de mulher**. São Paulo: Paulinas, 1994.
- GEBARA, Ivone. **Mulheres, religião e poder**: ensaios feministas. São Paulo: Edições Terceira Via, 2017.
- GEBARA, Ivone. **Entrevista concedida em setembro de 2018 para a FTSA**. Gravada e transcrita para uso de pesquisa.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**.
- LUZ, Ulrich. **Matthew in history**: interpretation, influence, and effects. Minneapolis: Fortress Press, 1994.
- MACHADO, Alzira. **Basta de violência contra as mulheres**. São Leopoldo: CEBI, 2016.
- MONNEYRON, Frédéric et al. **Sociologia do imaginário**. Tradução de Eduardo Portanova Barros. Porto Alegre: Sulina, 2014.

---

<sup>21</sup> GEBARA, 2018.